





Jean-Michel Massa é um dos principais pesquisadores da vida e da obra de Machado de Assis, autor de *Dispersos de Machado de Assis* e de *A juventude de Machado de Assis 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*, livro obrigatório e decisivo para a compreensão dos anos de formação do escritor.

Nesta entrevista, concedida a Maria Claudete de Souza Oliveira no dia 13 de janeiro de 2006, em Paris, a partir de perguntas formuladas pelo professor Gilberto Pinheiro Passos, Massa aponta algumas lacunas da crítica brasileira, investiga as origens do tema do ciúme, tão presente na obra machadiana, e surpreende no autor de *Brás Cubas* o desejo de ser pai. O professor da Faculdade de Letras de Rennes, na França, lança em 2006 dois novos livros sobre Machado. Convidando ao prazer de descobrir traduções inéditas feitas por Machado, o crítico francês revela uma forma singular da busca por compreender o escritor brasileiro e suas escolhas de tradução.

Atualmente, Massa dedica-se à África lusógrafa, tendo produzido várias obras, entre as quais três *Dictionnaires des particularités de la langue écrite en Guinée Bissau, à São Tomé e Príncipe, au Cap-Vert*. São também enciclopédias sobre os referidos países. E publicará ainda este ano, com sua esposa Françoise Massa, professora na mesma universidade, *Quatro relatos de navegadores franceses no Brasil (1695-1712)*, com apresentação e notas, “uma centena de páginas inéditas ou desconhecidas, com ilustrações, também inéditas, do Rio de Janeiro, de Salvador, de Santa Catarina”.

Agradecemos a Jean-Michel Massa a simpatia com que nos atendeu, no térreo da *Maison des Sciences de l’Homme*, na frente de um simpático jardim em pleno inverno; a Gilberto Pinheiro Passos, pela preparação da entrevista; e também a Raquel Illescas Bueno, que contribuiu para sua realização.

A descoberta de Machado de Assis e os primeiros estudos sobre o escritor

Quando comecei a estudar Português na Sorbonne, já lá vai quase meio século, os estudos do português na França iam só até o século XVIII e tratavam exclusivamente de Portugal. Descobri Machado de Assis lendo obras de Literatura Brasileira, de maneira que, depois de tê-lo descoberto, procurei — e foi difícil — fazer minha tese de doutorado sobre Machado. Por isso, em 1960, atravessei pela primeira vez o Atlântico. Descobri o Brasil, que era àquela altura o Brasil de Juscelino e de Brasília, um Brasil muito alegre, um Brasil com um cruzeiro a três dólares. Machado de Assis não constava nas pesquisas, no Brasil era pouco o interesse sobre ele. Assim, através de vários contatos, de amigos — Alexandre Eulálio, Brito Broca, Cavalcanti Proença, Augusto Meyer, Galante de Sousa, Eugênio Gomes —, comecei a fazer pesquisa e descobri que muitos textos de Machado de Assis já não constavam nas obras que então estavam em circulação. E esta foi a minha primeira pesquisa: recolher em 570 páginas cento e cinquenta textos do escritor, não inéditos, mas praticamente desconhecidos e nunca republicados. Esses textos dormiam nas bibliotecas do Rio de Janeiro e de São Paulo e eram, sobretudo, do período da juventude, os primeiros textos que ele publicou.

Da mesma maneira, àquela altura desconhecia-se a existência da biblioteca de Machado de Assis. Depois das minhas pesquisas na Biblioteca Nacional, onde procurava encontrar os textos semi-inéditos, descobri que existia a biblioteca de Machado de Assis, pelo menos uma parte da biblioteca, e este foi o meu segundo trabalho publicado: o inventário de uns setecentos e dezoito livros, mais ou menos, que pertenceram a ele e que se encontravam àquela altura com a família Leitão de Car-

valho, herdeira de Carolina. Na mesma época, procurei, recolhi, pesquisei e publiquei, em 1958, um terceiro livro, que é uma bibliografia de tudo o que foi publicado no cinquentenário da morte de Machado de Assis.

Divergências com a crítica brasileira

Defendi minha tese uns dez anos depois, na França. Esta tese, que só abrangia a primeira parte — a mais desconhecida sobre Machado de Assis, isto é, a juventude —, à qual eu dei o subtítulo *Biografia intelectual de Machado de Assis*, permitiu ver e estabelecer uma série de novidades para o Brasil, e que para mim foram verdadeiramente descobertas. A primeira delas foi que Machado de Assis não pertencia a um meio tão humilde como pretendia Lúcia Miguel Pereira e toda a crítica brasileira. Ele morava na casa de uma família rica, de fazendeiros cujas terras iam desde o Morro do Livramento até bem depois da atual Avenida Presidente Vargas. A mãe, portuguesa das Açores. O pai sabia ler já que era assinante do *Almanaque Laemmert*. Por outro lado, Machado de Assis foi capaz de redigir, com menos de vinte anos, um poema em francês dedicado ao filho dum exilado francês, Victor Frond, amigo de Charles Ribeyrolles, poema que republicuei nos *Dispersos de Machado de Assis* [Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1965]. Em 1859, com vinte anos, Machado tinha domínio da língua francesa. Publica o primeiro soneto aos quinze anos e três meses, manifestando cultura e precocidade. Aliás, devo lembrar que as relações entre França e Brasil na obra de Machado foram muito bem estudadas pelo meu amigo e colega Gilberto Pinheiro Passos.

Há uma espécie de boato segundo o qual Machado de Assis era epilético e gago quando jovem. Tudo isso são imprecisões da crítica brasileira. É evidente que Machado de Assis não podia ser nem gago, nem epi-

lético, porque durante todo o período da juventude ele teve uma vida social muito intensa. Ele recitava poemas em público — como alguém que é gago e epilético pode se apresentar em público? — e foram dezenas de recitais, diante de trinta, quarenta, cem pessoas. Além disso, ele namorava atrizes, escrevia poemas — e republicuei vários poemas hoje totalmente ignorados ou esquecidos pela crítica brasileira. Como é que um homem que tinha uma vida pública no teatro, que toda noite, ou quase toda noite, freqüentava o teatro, fazia crítica, como é que podia ser uma pessoa que tinha uma ameaça diária? Então, no meu livro, que, aliás, foi publicado e traduzido, *A juventude de Machado de Assis 1839-1870: ensaio de biografia intelectual* [Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Conselho Nacional de Cultura, 1971], procurei mostrar uma série de novidades que até agora, infelizmente, não foram contempladas pela crítica brasileira.

Outro erro da crítica: apesar de Machado de Assis ter apresentado *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861) como uma tradução, críticos brasileiros até escreveram que ele se enganara! Como é que se enganaria? Disseram que era uma obra sua, mas eu descobri, na França, o texto que lhe serviu de base, o texto de Victor Hénau, *De l'amour des femmes pour les sots*, que Machado traduziu. A crítica brasileira sobre o romancista nem sempre tratou de maneira científica seu objeto. Não tenho nenhum preconceito a respeito de Machado de Assis, não sou brasileiro, mas acho que Machado de Assis é, de longe, o maior escritor brasileiro. O percurso dele é muito original, é um homem de grande importância que teve uma evolução, não uma evolução milagrosa, mas sim a evolução de um homem superior que entrou no meio social e subiu como homem, partindo de uma base evidentemente modesta... É preciso acrescentar que Machado de

Assis é essencialmente um escritor carioca, fluminense, como se dizia àquela altura, e, apesar disso, um escritor verdadeiramente universal.

Meu trabalho sobre Machado procurou sempre ser um trabalho técnico, um trabalho de profissional, sem fofocas, sem palpites, que sempre procurou basear-se e se limitar a elementos fundamentados em documentos. Isso foi mais ou menos o essencial das minhas pesquisas, no passado, sobre Machado de Assis.

A necessidade de uma edição completa

Nos anos 90, procurei, com o apoio e ajuda de trinta especialistas brasileiros e não brasileiros, reunir uma edição da obra completa de Machado de Assis porque — é uma coisa inacreditável — até agora o maior escritor brasileiro, diferentemente do que acontece na França com Molière e com Racine, na Inglaterra com Shakespeare etc., não tem uma edição da obra completa. A melhor edição é a da Jackson, dos anos 30; a de Afrânio Coutinho, da Aguilar, com centenas de erros, é uma edição muito parcial de Machado de Assis: são só três volumes, faltam mais ou menos outros quatro, pois uma edição completa deveria ter sete ou oito. Nos anos 90, procurei recolher verdadeiramente tudo, porque desde 1960 foram reencontradas várias centenas de textos do romancista que não constam da obra completa. Por isso, é uma grande tristeza para mim, amigo de Machado de Assis, que o maior escritor brasileiro, de um grande país como é o Brasil, não tenha uma edição da obra completa. Foi isso o que no passado procurei fazer sobre Machado. O projeto não se concretizou e, quando fui condecorado em Paris pelo Ministro da Cultura Weffort, ele prometeu agir. Aparentemente não pagou a promessa.

O ciúme

Machado de Assis, de qualquer maneira, foi um homem do seu tempo, foi um homem que teve suas limitações físicas etc. Ele se casou com Carolina, como toda a gente sabe. Descobri em Portugal que no período em que Carolina — cuja família não era modesta, mas pertencia à burguesia, seu pai era ourives — tinha vinte, vinte três e vinte e cinco anos, foi namorada e cortejada por três poetas no Porto. Eis os títulos dos poemas: “Amor” (1855), de Augusto Morais, “Por amor” (1857), de Nogueira Lima, “Sorrisos” (1860), de J. Cândido Furtado. Foram todos publicados na *Grinalda*, revista de poesia muito estimada e conhecida, até no Brasil. Eis alguns versos:

*Já que eu rocei um dia com meus lábios
O teu cálix de amor, anjo do céu
Mais tarde no poema:
Quando um beijo me deste, delirante,
E teu seio arquejou, junto do meu.*

São textos de namoro que ninguém sabe até que ponto foram realidade — é um segredo. Quando Carolina viajou ao Brasil para visitar e mais ou menos acompanhar o irmão, Faustino Xavier de Novais, um poeta louco àquela altura, Machado de Assis, que era muito amigo dele, conheceu-a e é evidente que soube desses namoros. Toda a gente sabe que o ciúme é uma das raízes essenciais, uma das chaves da obra de Machado de Assis, de *Dom Casmurro* e de todos os outros romances, além de inúmeros contos. É evidente que nunca se sabe o que significa o ciúme para um homem ou para uma mulher. Para mim, Machado, que é uma sensibilidade, não digo doentia, mas uma sensibilidade muito profunda, deve ter sido ferido, cutucado por esse pro-

blema do ciúme. Uma leitura minuciosa, focalizando esse problema, pode explicar muita coisa... Esse é para mim um espaço que também nunca foi devidamente estudado pela crítica.

“Não tive filhos...”

Não sou a favor de uma biografia que explique tudo. Mas, por outro lado, toda a gente se baseia em uma frase que está no fim de *Memórias póstumas* — “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” —, como se ela correspondesse à situação de Machado de Assis. Isso é confundir o escritor com as personagens: o que diz a personagem não é o que diz ou pensa Machado de Assis. Fiz um estudo, publicado pela Fundação Gulbenkian, mostrando claramente, com dados, que Machado de Assis queria e procurou ter filhos. O artigo intitula-se “Machado de Assis escritor estéril” Não vou entrar nos pormenores, mas ele ou ela era estéril... A medicina de agora talvez possa saber com o DNA qual era a verdadeira situação. Mas isso não foi estudado, não foi estudado com essa visão. Em uma carta, dois dias antes de se casar, Machado oferece a Carolina um livro de Eugène Pelletan, polígrafo muito estimado, autor de *La famille*, no qual se elogia que no casamento as pessoas tenham filhos. E Machado escreve a Carolina, dois dias antes do casamento, numa das duas cartas que ele não queimou: “Hei de comprar um exemplar para lermos em nossa casa como uma espécie de Bíblia Sagrada. É um livro sério, elevado e profundo; a simples leitura dele dá vontade de casar”. Eles, ele, pelo menos, queria filhos. Mas ninguém se interessou por ver o que dizia o autor de *A família*, livro totalmente desconhecido hoje. Aliás, era um escritor muito conhecido no século XIX, um dos escritores que Nabuco dizia ler diariamente. De vez

em quando a melhor análise da obra literária, em parte pelo menos, atravessa a biografia.

Machado de Assis, Sterne e as traduções da língua inglesa

Esse é um problema muito complexo, porque Machado evidentemente evoca um conhecimento de Sterne, mas a crítica brasileira relacionou isso com a existência, na biblioteca de Machado de Assis, de dois exemplares, que recolhi, das obras de Sterne: *Uma viagem sentimental através da França e da Itália* e *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*. Acontece que, apesar de a crítica brasileira, Eugênio Gomes por exemplo, ter anunciado que Machado de Assis conhecia o inglês muito jovem (ele conhecia o francês, como já disse), essa afirmação tem que ser examinada. Primeiro ponto: a crítica para afirmar isso se baseia numa tradução que Machado de Assis fez de *Oliver Twist*, de Dickens, em 1870. Nos *Dispersos*, mostrei que ele utilizou totalmente uma das quatro traduções em francês de *Oliver Twist* que àquela altura estavam disponíveis no mercado. O tradutor era Alfred Gerardin (1864). A crítica brasileira, para mostrar o conhecimento profundo de Machado de Assis da língua inglesa, diz que ele tinha na biblioteca os dois exemplares de 1864 do Sterne. No entanto, num estudo recente, numa republicação da *Biblioteca de Machado de Assis* [Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks: 2001], uma professora brasileira, Maria Elizabeth Chaves de Mello, que fez um estudo sobre Machado de Assis e Sterne, diz que os dois livros “eram absolutamente intactos, sem nenhuma anotação, nenhuma dobra, nenhuma assinatura do proprietário, páginas impecáveis, apenas amareladas pelo tempo” Fiz um levantamento das traduções de Sterne em francês, desde a publicação até 1860. No

inventário dos livros da Biblioteca Nacional de Paris aparecem dezoito traduções em francês da *Viagem sentimental* e vinte e três traduções de *Tristram Shandy*. É claro que uma ou outra delas podia ser encontrada no Brasil. Isso mostra que Machado de Assis podia conhecer o inglês nos anos 1870, mas não se trata de uma certeza absoluta. Por outro lado, mostrei definitivamente que na tradução do poema *O Corvo*, *The Raven* (1883), de Poe, Machado certamente utilizou a tradução de Baudelaire. Ele deve ter consultado o texto em inglês, mas repetiu erros, interpretações ou glosas, cinco ou seis, que Baudelaire fez do texto de Poe. O problema do conhecimento do inglês é, até agora, um problema delicado; de qualquer maneira não se pode considerar que Machado tivesse um conhecimento do inglês igual ao que tinha do francês. Esse é um problema ainda por ser estudado com dados concretos.

Os dois novos livros de Jean-Michel Massa

Atualmente tenho dois livros no prelo, na editora Crisálida, de Belo Horizonte. O primeiro, *Três traduções por Machado de Assis*, diz respeito a uma edição bilíngüe de traduções feitas por Machado de Assis. São textos inéditos de três peças francesas do teatro realista que — disse-me João Roberto Faria — nunca foram representadas no Brasil. A primeira é *Les bourgeois de Paris* (1850), traduzida como *Burgueses de Paris*, de Duma noir; a outra, *Il faut que jeunesse se passe* (1857), no Brasil *Tributos da mocidade*, de Leon Gozlan. Os manuscritos se encontram no Rio de Janeiro e tirei xerox. O terceiro, que encontrei em São Paulo, é *Força por força*, cuja base é um texto francês, *Maxwell*, de Jules Barbier (1857). São traduções inéditas, e fazem parte do acervo das traduções de Machado de Assis. São textos que despertam questões muito interessantes que comento

no volume que está no prelo. A terceira peça, *Força por força*, evoca visões e alucinações. Estas correspondem a uma temática técnica de um magnetismo relacionado a uma visão muito conhecida, muito explicada no Brasil àquela altura, do Alphonse Karr. De qualquer maneira, são inéditos, totalmente inéditos, e tenho reproduções dos manuscritos, dois deles escritos por Machado de Assis, com a caligrafia dele, e no terceiro a indicação: Machado de Assis tradutor.

Sugiro uma nova fase na história literária de Machado de Assis, e esta fase, entre os anos 1860 e 1870, isto é, praticamente antes do casamento, poderia chamar-se fase teatral. Isso porque, àquela altura, Machado não só fez inúmeras traduções de teatro, umas quinze já conhecidas, mas também teve no teatro a base da sua vida literária.

O seu primeiro livro publicado foi *Queda que as mulheres têm para os tolos*, mas depois Machado de Assis publicou várias peças: *Desencanto*, *O protocolo* etc., são várias, que ele intitula *Teatro volume I*. Por outro lado, publica outras peças próprias. Durante esses anos, sem ser casado e sendo jornalista também, ele vive muito fora, assiste todas as noites a uma peça de teatro, escreve artigos de teatro, revistas de teatro e, conforme diz direta ou indiretamente, namora atrizes e escreve poemas para elas. Inclusive, Arnaldo Saraiva encontrou um poema, de 1867, dedicado a uma atriz desconhecida. Machado verdadeiramente coloca o teatro como a base de sua vida intelectual. O teatro praticamente é o trampolim e constitui um elemento central, centralizador, de sua produção. Machado exprime a sua carreira, a sua dinâmica de escritor, através de manifestações teatrais: diretamente, isto é, produzindo textos de teatro, e, indiretamente, através de traduções. Tudo isso vai praticamente parar nos anos 70. Parar é um

exagero, porque não vai parar totalmente, mas com o casamento talvez Carolina tenha limitado ou controlado esta fase. Não digo que ela tivesse acabado com a revista de teatro, mas como autor praticamente não há livros de teatro publicados por ele depois de 70, de maneira que este período, esta década, que já mencionei, corresponde, podemos dizer, a uma espécie de fase; como se diz que há uma fase dos grandes romances, inaugurada com *Memórias póstumas* etc.

Assim, Três traduções por Machado de Assis é o primeiro dos meus livros, que deve sair em junho pela editora Crisálida.

O segundo, também de mais ou menos duzentas páginas, é um ensaio no qual retomo estudos nunca traduzidos no Brasil e escritos há uns dez, quinze anos. O título é *Machado de Assis tradutor*. Ele fez durante a vida cinquenta traduções, mais ou menos; umas quinze estavam perdidas; recuperei três delas. Machado de Assis nunca ou quase nunca foi estudado como tradutor. *Machado de Assis tradutor* diz respeito a vários problemas. O primeiro é analisar, pelos textos que ele traduziu, seu conhecimento das línguas estrangeiras; o segundo problema é sobre tradução, não sobre a teoria da tradução, porque no século XIX não havia teoria da tradução. Li um ensaio, uma tese muito medíocre sobre a teoria da tradução de Machado. Mas no século XIX, não havia teoria da tradução... Machado de Assis, por outro lado, fez traduções, *Oliver Twist*, por exemplo, *Les travailleurs de la mer* [*Os trabalhadores do mar*], de Victor Hugo, e alguns outros, por motivos econômicos, porque Machado de Assis precisava ganhar dinheiro, muita gente traduzia para ganhar dinheiro. Neste caso não era uma escolha na medida em que o fim era ganhar patacas.

Eram traduções tipo folhetim, publicadas diariamente, e correspondiam a finalidades editoriais do jornal. Por exemplo, verifiquei que a tradução de *Les travailleurs de la mer*, de Victor Hugo (um pouco como fazia Jorge Amado), praticamente saiu no Brasil ao mesmo tempo em que saiu em livro na França o texto de Victor Hugo. Jorge Amado de vez em quando fazia publicar os seus romances na França mais ou menos na mesma data em que o texto era publicado no Brasil. Foi um milagre, um desafio interessante feito pelo jornal, de publicar quase simultaneamente — e no século XX é muito mais fácil do que no XIX. Ou seja, demorava um mês mais ou menos, e isso mostra que da França mandavam pelo pacote os jornais, e Machado de Assis traduzia à medida que chegava, de maneira que há uma contemporaneidade. São traduções a pedido, que eu chamaria de alimentares, porque vão alimentar o jornal e o tradutor.

Por outro lado, há da parte de Machado de Assis umas vinte traduções, textos breves, uma página, duas páginas: “O Corvo”, por exemplo, um texto de Alexandre Dumas, outros de La Fontaine, de Molière, de Lamartine, de Dante Alighieri etc. Não são traduções a pedido de uma editora, são textos escolhidos por Machado. Neste caso, traduzir é mais que traduzir, é redigir, escrever e ser original, porque há uma escolha que corresponde a uma preferência do escritor. Resulta daí algo que poderia chamar, exagerando um pouco, de antologia da literatura européia, escolha de Machado de Assis. Isso dá um interesse muito maior a esse conjunto de textos, porque não é uma tradução encomendada, mas uma tradução criadora, que promove nomes, e textos que têm um valor para Machado de Assis. Esse meu segundo livro deve sair também em junho de 2006.